

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado

Class.: 246

Data: 22.07.88

Pg.: \_\_\_\_\_

# IBDF acha que só Exército evita desmatamento

190  
Rio do Sul — A única solução para resolver e evitar o desmatamento indiscriminado da reserva indígena Duque de Caxias, localizada no município de Ibifama, é uma ação do Exército realizando uma verdadeira operação pente-fino, retirando da área pessoas que não são índios e que nada têm a ver com os mesmos. A opinião foi manifestada pelo supervisor regional do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, IBDF, em Rio do Sul, Marcone Cruz.

A princípio terá que ser uma solução de choque com o uso de força, acredita, para depois haver uma conversação. Citou que esta conversação teria que ser feita "de uma maneira orientada ao trabalho, porque o índio é um povo rico, pois são os maiores latifundiários do Vale do Itajaí, já que a área aproximada da reserva Duque de Caxias é de aproximadamente 800 lotes, e a terra é fértil". Salientou ainda que dá tranquilidade para os índios viverem de atividades

agropecuárias e até mesmo de uma extração florestal racional.

O supervisor regional do IBDF salientou que existe um projeto de extração de madeira, porém nunca foi levado a efeito porque não houve apoio até mesmo da comunidade indígena. Cruz disse que em 1983, o IBDF preocupado com o futuro da área determinou que quatro engenheiros florestais fizessem um inventário da área. Esse inventário constituiu-se numa avaliação do diâmetro e da espécie de madeira existente na reserva.

Na oportunidade foi comprovado que a área é bastante rica em diversas qualidades de madeira. O projeto realizado foi bem claro e fácil de ser executado, porém não houve o apoio da Funai e nem mesmo da própria comunidade indígena e que por isso ficou só no papel. Cruz citou como exemplo um caso doméstico, onde se uma pessoa quer vender a casa onde reside com a família e a mesma for

contra. "Assim é que acontece na reserva, pois os proprietários, os índios, querem vender a madeira e por isso não há condições de se fazer alguma coisa plausível, que venha a ter efeitos posteriores".

Cruz disse que há algum tempo estava na reserva indígena, na localidade de Bugio, e em conversa com o vice-cacique Efi Pri-Pra, o mesmo afirmou que foi a própria Funai quem iniciou a retirada de madeira. O supervisor do IBDF afirmou que o índio informou que há questão de 15 anos a Funai realizou uma licitação dando início assim à derrubada da madeira. A partir daí, os índios que tinham a floresta apenas como seu habitat, observaram as vantagens proporcionadas com a venda, dando seqüência à devastação da área que continua até hoje.

Em função da área ser da reserva, não há condições de centralizar um corte florestal racional, pois o acesso é difícil e a própria comunidade indi-

gena não colabora. Este, na opinião do supervisor regional do IBDF, pode ser um dos motivos pelo qual o trabalho de licitação que estava sendo realizado pela prefeitura de Ibirama não deu certo. Por isso, argumenta, existe a necessidade de uma intervenção do Exército, pois o IBDF, para até mesmo entrar na reserva, tem que obter a autorização da Funai.

Ele prevê ainda que depois de terminada toda a madeira que está sendo extraída da área, vai acontecer um grave problema social de difícil solução. O índio hoje, conta Marcone Cruz, é habituado ao paternalismo, pois a extração florestal sempre foi benévola, uma vez que ajudava a eliminar os problemas financeiros, sendo um trabalho altamente rendoso. "Hoje o índio está acostumado a isto aí, e depois sem madeira, trabalhar vai ser difícil, pois será a mesma coisa que uma pessoa que está acostumada com água encanada e depois tem que ir com um balde retirá-la do poço",

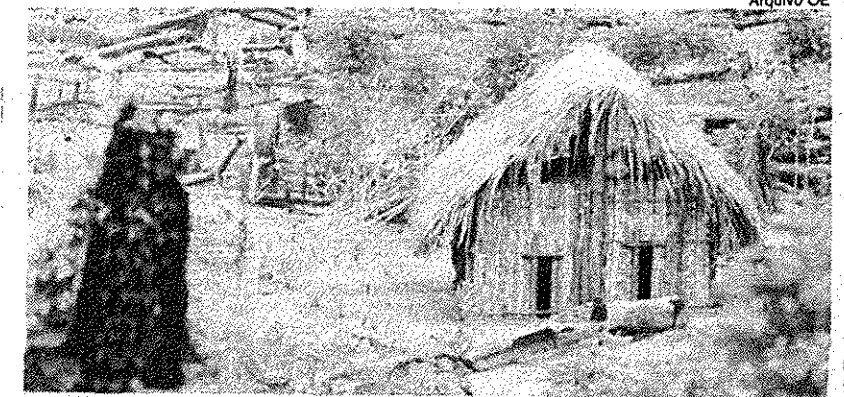
frisou Cruz.

Existe uma descaracterização bastante grande do índio na reserva Duque de Caxias em função da mistura com outras raças, ocasionada pela migração. Estas pessoas, segundo o supervisor do IBDF, em sua maioria têm interesses nocivos, fazendo com que os índios continuem com o pensamento voltado ao tipo de economia com que sobrevivem hoje, fazendo com que não sejam pessoas habituadas ao trabalho, pois não plantam nem mesmo para o seu próprio consumo, apesar das terras férteis.

Lembrou que a "malandragem" dentro da reserva indígena Duque de Caxias é muito grande e no futuro, com o fim da madeira, é que poderá haver um grave problema social. Como é uma área enorme, de cerca de 800 lotes, fica bastante fácil para que um dos habitantes venha a uma cida-

de próxima, Ibirama, Presidente Getúlio, Mafra, Itaiópolis, Benedito Novo ou outra qualquer e cometa um crime ou até mesmo um assalto. Depois se refugia na área e não haverá condições de capturá-lo, lembra o supervisor do IBDF.

Por isso existe a necessidade de se fazer hoje, antes que seja tarde, essa operação pente-fino com a utilização do Exército, argumentou Cruz. "Hoje este problema social ainda não está evidenciado lá e por isso, se a operação pente-fino for realizada fará com que pessoas estranhas à comunidade indígena e nocivas sejam responsabilizadas de acordo com a sua culpa. Se o índio for o culpado, ele deverá ser conscientizado de seus atos e que tente resolver a sobrevivência de seus descendentes, pois isto é muito grave, mas infelizmente não é levado a sério", disse o supervisor do IBDF.



O IBDF acha que o Exército deve fazer uma intervenção na reserva